ARQUEOLOGIA E EPISTEMOLOGIA:

Ensaio de caracterização do saber como objeto de investigação da arqueologia foucaultiana

Marcos Alexandre Gomes Nalli¹

RESUMO: O objetivo neste texto é comparar o empreendimento arqueológico com a epistemologia francesa evidenciando suas respectivas distinções no que tange o problema da verdade e de seus respectivos objetos de investigação: a ciência para a epistemologia, o saber para a arqueologia.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia – Epistemologia – Saber

- Discurso - Ciência.

ARCHAEOLOGY AND EPISTEMOLOGY: an assay of the characterization of knowledge as Foucault's archaeology investigation object.

ABSTRACT: The goal of the present text is to compare the archaeological enterprise with the French epistemology, evidencing their respective distinctions concerning the issue of truth and their respective investigation objects: science to epistemology, knowledge to archaeology.

KEY-WORDS: Archaeology – Epistemology – Knowledge

Discourse – Science.

¹ Docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Paraná; e Doutorando em Filosofia pela UNICAMP/SP.

É inegável a proximidade intelectual entre Foucault e a epistemologia² tal como se deu na França.³ Foucault mesmo admite tal proximidade, principalmente a Georges Canguilhem, tomando-o como mestre, em especial por ter aprendido com ele a tomar a história das ciências como história conceitual.⁴ Mas que relação há entre filosofia das ciências e história das ciências? E que relação há entre a filosofia foucaultiana — especialmente a arqueologia — e a filosofia das ciências e a história das ciências, isto é, qual a modalidade dessa proximidade intelectual?

Respondendo à primeira questão, a melhor maneira de fazê-lo é recorrer a um fato sócio-histórico-geográfico: a relação de profunda intimidade entre epistemologia e história das ciências deve-se a uma peculiaridade tipicamente francesa. Como nos diz Foucault :

"Todo o mundo sabe que na França há poucos lógicos, mas que houve um número não negligenciável de historiadores das ciências. Sabe-se também que eles ocuparam na instituição filosófica - ensino ou pesquisa – um lugar considerável."⁵

⁵ Michel FOUCAULT. "La vie: l'expérience et la science". in: Dits et Écrits. Vol. IV, p. 763

E mais a frente, no mesmo texto, Foucault precisa a relação entre epistemologia e história das ciências, tomando como modelo o método filosófico de Canguilhem, na medida que a epistemologia ilumina e direciona a reflexão da história das ciências:

"A história das ciências só pode se constituir nisto que ela tem de específico levando em conta, entre o puro historiador e o cientista mesmo, o ponto de vista do epistemólogo. Este ponto de vista, é aquele que fez aparecer através de diversos episódios de um saber científico "um caminho ordenado latente": isto quer dizer que os processos de eliminação e de seleção dos enunciados, das teorias, dos objetos se fazem a cada instante em função de uma certa norma; e aquela não pode ser identificada a uma estrutura teórica ou a um paradigma atual, pois a verdade científica de hoje só é mesmo um episódio; digamos tudo o mais: o termo provisório. (...) Trata-se então de uma reflexão teórica indispensável que permite à história das ciências de se constituir sobre um outro modo que a história em geral; e, inversamente, a história das ciências abre o domínio de análise indispensável para que a epistemologia seja outra coisa que a simples reprodução dos esquemas internos de uma ciência num momento dado."6

A história das ciências, portanto, depende intimamente da epistemologia na medida que é por meio desta última que a história das ciências distingue-se de toda e qualquer outra modalidade de historiografía, quer a chamada história das idéias ou a história cultural. A história das ciências é a história do verdadeiro, do dizer a verdade, e como diz Georges Canguilhem, o "verdadeiro é a máxima do dizer científico. Como conhecê-lo? Pelo fato de que não foi afirmado aprioristicamente. Uma ciência é um discurso regulado pela sua retificação crítica". E em outra circunstância, ele mesmo admite que a história das ciências (ao menos a que ele fez) é também epistemologia: "Fazer, no sentido mais operativo do termo, história das ciências é uma das funções, e não a mais fácil, da epistemologia filosófica". Disso, não só se conclui que a história das ciências é caracteristicamente filosófica e, especificamente, epistemológica, bem como a epistemologia

² Opta-se aqui pelo termo "epistemologia" pois na filosofia francesa, há uma distinção entre epistemologia e filosofia da ciência quanto ao seu estatuto disciplinar e teórico. A expressão "filosofia da ciência" tem já na sua origem uma aliança com o positivismo comteano, de tal modo que privilegia o sujeito do conhecimento científico como o seu produtor e fundamento, e por conceber a história das ciências regida por uma lei de progresso constante. A epistemologia francesa – principalmente pelas contribuições de Bachelard, Cavaillés, Koyré, e de Canguilhem – rompe com esse privilégio do sujeito e com a lei de progresso constante (neste sentido, cf. Michel FICHANT. "A epistemologia na França", pp. 124-162). Ainda assim, há todo um privilégio que recai na história e na sociologia como recursos à epistemologia francesa (Cf. Jean Paul MARGOT. "Reflexiones en torno a la epistemologia histórica, p. 13s). Isso não quer dizer que a epistemologia francesa negue as contribuições da filosofia da ciência como foi feita em geral nos países anglo-saxãos e de língua germânica, em especial o Círculo de Viena. Mas a análise feita pela filosofia da ciência, de corte analítico, restringe sua reflexão à questões elementares sobre a relação entre conceitos e realidade (isto é, por exemplo, a teoria das proposições protocolares) visando fundar o que entende por ciência, ou seja, apenas as chamadas ciências físico-matemáticas e naturais. Seu positivismo lhes impede, por exemplo, de considerar as ciências humanas como efetivamente ciências: elas são apenas pseudociências. A epistemologia francesa, por sua vez, privilegia o conceito; contudo, mais que questionar sua relação com a realidade, investiga a sua formação e a regulamentação de seu uso em uma e por uma teoria científica e, para isso, recorre à história que não é anedótica, e sim conceitual (Cf. Jean PIAGET, *Naturaleza y Métodos de la Epistemologia*, principalmente pp. 79-123.).

³ Roberto MACHADO. "A arqueologia do Saber e a constituição das ciências humanas". p. 87; Idem. "Archéologie et Épistémologie", p. 15; Idem. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. p. 10; Ángel GABILONDO. El Discurso en Acción: Foucault y una ontología del presente. pp. 28-44.

⁴ Michel FOUCAULT. *L'Ordre du Discours*. p. 74; Cf. também Ángel GABILONDO. *Op. Cit.* p. 36, e Roberto MACHADO. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueología de Foucault.* p. 13.

^{.6} Ibidem. pp. 771-773.

⁷ Georges CANGUILHEM. "O papel da epistemologia na historiografia científica contemporânea". In: *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida.* p. 20.

⁸ Idem. "O objeto da história das ciências". In: Manuel Maria CARRILHO. Epistemologia: Posições e Criticas. p. 132.

francesa, em particular aquela feita por Canguilhem e Bachelard, se efetua mediante o recurso à análise histórica.

E qual a proximidade da epistemologia e da história das ciências com a filosofia foucaultiana, em especial com a arqueologia do saber? Ou melhor, em vez de se perguntar pela proximidade, talvez se deva perguntar pela distância entre epistemologia e a arqueologia do saber. Roberto Machado responde essa questão do seguinte modo:

"A epistemologia é, portanto, uma filosofia que tematiza a questão da racionalidade através da ciência, por ela considerada como a atividade racionalista por excelência. (...) A especificidade da história arqueológica pode ser delimitada a partir da problemática da racionalidade. (...) a arqueologia, reivindicando sua independência com relação a qualquer ciência, pretende ser uma crítica da própria idéia de racionalidade; enquanto a história epistemológica, situada basicamente ao nível dos conceitos científicos, investiga a produção de verdade na ciência, que ela considera como processo histórico que define e desenvolve a própria racionalidade, a história arqueológica, que estabelece inter-relações conceituais ao nível do saber, nem privilegia a questão normativa da verdade nem estabelece uma ordem temporal de recorrências a partir da racionalidade científica atual." 9

Deve-se observar, porém, que essa pretensão de ser crítica da racionalidade não faz da arqueologia do saber um projeto filosófico em defesa do irracionalismo. Mais corretamente, a arqueologia, por meio dessa crítica, se coloca como autocrítica da racionalidade assim como a epistemologia e a história das ciências. Em suma, a arqueologia foucaultiana e a epistemologia, marcadas pelas análises históricas tal como se fez na França, são herdeiras da **Aufklärung**, tanto por suas considerações críticas acerca da razão quanto da história. Nesses termos, se é correto, como diz Roberto Machado, definir a especificidade da arqueologia por meio da questão da racionalidade, o que distingue a arqueologia do saber da história das ciências são seus respectivos objetos.

O objeto da história das ciências é totalmente distinto do objeto da ciência, pois o primeiro objeto tem história e o segundo não.11 A história das ciências tem como objeto a ciência, e a ciência como discurso metódico voltado à verdade. Como afirma Canguilhem: "a história das ciências diz respeito a uma atividade axiológica, a busca da verdade. É a nível das (sic!) questões, dos métodos, dos conceitos que a atividade científica surge como tal". 12 A história das ciências é a história de todo o processo de conhecimento científico, pautado nos conceitos de verdade e de razão; estes conceitos, por sua vez, não são absolutos, mas são provenientes e regulados pelo próprio discurso científico. O discurso científico é o discurso racional por excelência, tendo como característica mais marcante – e determinante – a capacidade de ser simultaneamente racional, crítica e retificadora. ¹³ O que significa dizer, pois, que a história das ciências, ao valorizar o conceito de verdade como um fim a que se destina todo discurso científico, não pode, de modo algum, menosprezar os erros, as tentativas, as ideologias nela presentes. A oposição entre falso (enquanto erro) e verdade não pode ser desconsiderada por esse epistemólogo, pois é por meio dela que a epistemologia e a história das ciências melhor delineiam esse "dizer a verdade" do discurso científico. Desse modo, a verdade científica é relativa ao discurso científico, mas não o oposto. Isto é, o discurso científico é um discurso que se caracteriza por sua pretensão de verdade, mas que nada lhe impede de enunciar proposições falsas (pois não é a falsidade em suas proposições que desqualifica todo um corpo teórico como científico). 14 É por isso que Canguilhem afirma que:

"Uma história das ciências que trata uma ciência na sua historia como uma purificação elaborada através de **normas de verificação** não pode deixar de se ocupar também das ideologias científicas. O que Gaston Bachelard distinguia como história das ciências caduca e história das ciências sancionada

⁹ Roberto MACHADO. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. pp. 10-11.

¹⁰ Michel FOUCAULT. "La vie: l'expérience et la science". In: Dits et Écrits. Vol. IV. pp. 765-768. Idem. "Qu'est-ce que les Lumières?" In: Dits et Écrits. Vol. IV. pp. 577-578.

Georges CANGUILHEM. "O objeto da história das ciências". In Manuel Maria CARRILHO. Epistemologia: Posições e críticas. p. 121.

¹² Ibidem, p. 126.

¹³ Idem. "O papel da epistemologia na historiografía científica contemporânea". In: *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida.* p. 20.

¹⁴Roberto MACHADO. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. pp. 20-21.

deve, por sua vez, ser separado e entrelaçado. A sanção de verdade ou de objetividade já comporta em si a condenação do caduco. Mas se o que mais tarde se tornará caduco não começa por se sujeitar à sanção, a verificação não terá oportunidade de fazer aparecer a verdade. (...) Não sendo trabalhada e apresentada deste modo, não sendo reconhecida a especificidade da ideologia científica, atribuindo-lhe um lugar – um lugar nos diferentes níveis dos diversos planos de cientificidade -, a história das ciências arrisca-se a ficar como mais uma ideologia, desta vez no sentido de falsa consciência do seu objeto. (...) Por se querer construir apenas a história da verdade, acabase por fazer uma história ilusória."15

Foucault, por ocasião de sua homenagem a Canguilhem, reconstituindo o projeto da história das ciências e da epistemologia canguilhemianas, e definindo a relação entre falso (ou erro, o que em tese é a mesma coisa) e verdadeiro, e o papel dessa relação na história das ciências e epistemologia, declara nos seguintes termos:

"Georges Canguilhem insiste sobre o fato de que a indicação das continuidades não é para ele nem um postulado, nem um resultado: é antes uma "maneira de fazer", um procedimento que coeso com a história das ciências porque ele é chamado pelo próprio objeto mesmo de que deve tratar. A história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania (...) Não se pode, na história das ciências, se dar a verdade como adquirida, mas não se pode também não fazer a economia de uma relação ao verdadeiro e à oposição do verdadeiro e do falso. É esta referência à ordem do verdadeiro e do falso que dá a esta história sua especificidade e sua importância. Sob qual forma? Concebendo que se tem que fazer a história dos "discursos verídicos", quer dizer de discursos que se retificam, se corrigem, e que operam sobre si mesmos todo um trabalho de elaboração finalizada pela tarefa do "dizer verdadeiro". (...) O erro não eliminado pela força surda de uma verdade que pouco a pouco sairia da sombra, mas pela formação de uma nova forma de 'dizer verdadeiro'."16

A arqueologia do saber, primeira fase da produção intelectual de Michel Foucault, tem por objeto outra coisa que não a ciência. O objeto da arqueologia é o que Foucault nomeou de "saber". E o conceito de

15 Georges CANGUILHEM. "O que é uma ideologia científica?" in: Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida, pp. 41-42.

16 Michel FOUCAULT. "La vie: l'expérience et la science". In ; Dits et Écrits. Vol. IV. pp. 769-770.

"saber" não é necessariamente relativo ao conceito de "ciência", embora essa relação sempre esteve, direta ou indiretamente, presente na arqueologia do saber.17

Mas o que Foucault chamou de "saber"? A pergunta não é de fácil resolução como se pode pensar à primeira vista. 18 Foucault não é de todo claro nos dois textos que servem de apoio para responder a supracitada questão: "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie", publicado no Cahier pour l'Analyse, no verão de 1968, 19 e L'Archéologie du Savoir, publicado em março de 1969. A exposição que segue discorrerá, primeiramente, sobre o artigo e posteriormente sobre o livro.

Se Foucault formula uma oposição entre ciência e saber, é preciso não perder de vista que tal oposição não implica uma relação de exclusão e negação. Essa relação existe entre saber e conhecimento. ²⁰ Embora o conceito mesmo de "ciência" traga já em si uma conotação de conhecimento – a ciência, por definição é uma modalidade de conhecimento –, Foucault não exclui tal conceito de suas reflexões; antes toma-o para caracterizar o conceito de "saber" em "Sur l'Archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie''. Isso é explícito quando ele diz que "o saber não é a ciência no deslocamento sucessivo de suas estruturas internas, é o campo de sua estrutura efetiva."21

O que se pode entender daí? Primeiramente, ao privilegiar o saber como objeto de análise e descrição, a arqueologia demarca o próprio solo de emergência, e emergência histórica,²² da ciência. A arqueologia

¹⁷ Idem. L'Archéologie du Savoir. p. 255: "Ce que l'archéologie essaie de décrire, ce n'est pas la science dans sa structure spécifique, mais le domaine, bien différent, du savoir. De plus, si elle s'occupe du savoir dans son rapport avec les figures épistémologiques et les sciences, elle peut aussi bien interroger le savoir dans une direction différente et le décrire dans un autre faisceau de relations. L'orientation vers l'épistémè a été la seules explorée jusqu'ici. La raison en est que, par un gradient qui caractérise sans doute nos cultures, les formations discursives ne cessent de s'éspistémologiser."

¹⁸Talvez porque Foucault teve mais clareza das noções que recusou do que das noções e princípios que ele pretendeu definir e introduzir. Para isso, Cf. Hubert DREYFUS & Paul RABINOW. Michel Foucault: un parcours philosophique. p. 106.

¹⁹ Recentemente republicado no volume I de Dits et Écrits de Michel FOUCAULT, pp. 696-

²⁰ Michel FOUCAULT. "Sur l'Archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". p. 730: "Le thème de la connaissance équivaut à une dénégation du savoir."

²¹ Ibidem. p. 725

²² Deve-se notar que, para Foucault, o recurso à história é funcionalmente importante à sua análise arqueológica dos discursos. Cf. Paul VEYNE. "Foucault Revoluciona a história", pp. 148-198; Jozef VAN de WIELE. "L'Histoire chez Michel Foucault: le sens de l'Archéologie".

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA 61

descreve as condições mesmas de aparição, de surgimento histórico de um discurso científico. O que a arqueologia tenta demarcar é o sistema que regula a possibilidade e efetividade histórica de um discurso científico, levando em conta outras modalidades discursivas que não a científica e que são autônomas entre si, uma vez que possuem suas próprias leis de formação e regulação, ²³ e que, ainda assim, interagem umas sobre as outras de modo marcante. Essa gama de discursos, na qual está inserido o próprio discurso científico, e que possui regras próprias a cada época histórica, é o que se pode chamar de "saber". Portanto, o saber é bastante distinto tanto da ciência quanto do que se pode chamar de "pré-ciência" e de "ideologia". A pré-ciência e a ideologia podem e interagem com a ciência; mas não lhe são condições determinantes pois são elementos inerentes ao próprio discurso científico, 24 discurso verdadeiro por excelência; em suma, são fatos do discurso²⁵ científico, sendo determinados na ciência. O saber, todavia, é determinante à ciência, não de um ponto de vista lógico mas de um ponto de vista discursivo, É por isso que Foucault diz, nesse artigo, que é, "muito mais, no elemento do saber que se determinam as condições de aparição de uma ciência, ou, pelo menos de um conjunto de discursos que acolhem ou reivindicam os modelos de

ARQUEOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

cientificidade". 26 E mais à frente ele repete, em outras palavras, criticando o que ele chamou de "extrapolação epistemológica" e de "extrapolação genética":

"Em um caso, dá-se à ciência o encargo de dar conta de sua historicidade; no outro, encarregam-se determinações históricas de dar conta de uma cientificidade. Ora, é desconhecer que o lugar de aparecimento e de desenvolvimento de uma ciência não é nem essa ciência mesma repartida segundo uma sucessão teleológica, nem um conjunto de práticas mudas, ou de determinações extrínsecas, mas o campo do saber, com o conjunto de relações que o atravessam".27

Ao tomar o saber como objeto da arqueologia e ao relacioná-lo com o conceito de "ciência". Foucault efetua uma análise do discurso científico, na qual o saber é o solo, a base desse discurso. "Saber" é o termo pelo qual Foucault designou essa extensa gama discursiva pelo qual se efetiva o discurso científico como discurso verdadeiro, e não como discurso que pretende alcançar a verdade. A verdade não é externa e independente do discurso, como objeto sempre pretendido, mas inatingível; ela é mais propriamente um fato do discurso, e como tal produzida pelo e no discurso. O saber é anterior à ciência, mas não de um ponto de vista lógico ou epistemológico; ele lhe é anterior de um ponto de vista discursivo: a ciência, enquanto discurso, tem no saber, "arqueologicamente", falando, sua condição de existência (daí a relação entre saber e ciência ser, caracteristicamente, uma relação nãoarbitrária). Apesar dessa anterioridade discursiva do saber à ciência, ele também lhe é coexistente, de tal modo que o saber não deixa de existir por ocasião do surgimento de uma ciência; antes coexiste com ela afetando-lhe constantemente.²⁸ Em suma: o que interessa à arqueologia foucaultiana não é tão somente a ciência, e a sua produção discursiva de verdades, mas sim o solo discursivo no qual se situa a ciência, as verdades, as teorias e as práticas, ou seja, o saber.

²³ Michel FOUCAULT. "Sur l'Archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". pp. 724-725

²⁴ Idem. L'Archéologie du Savoir, p. 242s.

²⁵ Eis o que se entende por um **fato do discurso**: tudo aquilo que é produzido pelo discurso, de tal modo que é regulado por regras discursivas. Isto ocorre, por exemplo com os discursos pré-científicos (ou pré-ciências), com os discursos ideológicos, com os discursos de ficção. Mas também ocorre com a verdade e com o falso - enquanto dizer verdadeiro (por meio de proposições verdadeiras) e enquanto dizer falso (por meio de proposições falsas). Isto é válido para o discurso em geral e suas diferenciações em gêneros - em específico o discurso científico (mas não apenas), bem como para a caracterização e constituição epistemológica das proposições constituintes desses discursos. Nestes termos, há, inevitavelmente, uma ambigüidade na expressão "fato do discurso" (mas que, assim mesmo se assume o risco aqui): o fato do discurso é regulado pelo discurso na sua relação com outras modalidades discursivas, bem como por suas regras internas. Há assim regras internas e tangenciais aos discursos mesmos possibilitando a formação de seus fatos do discurso. Por outro lado, os gêneros - ou modalidades – discursivos também são fatos do discurso, o que significa dizer que as regras dos discursos - que regem os fatos do discurso - são também autorreguladores, já que os discursos, na sua especificidade de gênero são regulados por essas regras. Acredita-se estar aqui em consonância com a reflexão arqueológica sobre os discursos e suas relações discursivas, principalmente em L'Archéologie du Savoir, toda a sua segunda parte, intitulada "As Regularidades Discursivas".

²⁶ Michel FOUCAULT. "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". p. 724

²⁷ Ibidem. p. 726.

²⁸ Idem. L'Archéologie du Savoir, p. 240s: "Le savoir n'est pas ce chantier épistémologique qui disparaîtrait dans la science qui l'accomplit. La science (ou ce qui se donne pour tel) se localise dans un champ de savoir et elle y joue un rôle".

Não se pode negar, todavia, que em "Sur l'archéologie des sciences: Réponse au Cercle d'Épistémologie", Foucault trabalha com o conceito de "saber" numa relação bem demarcada com a ciência. Por mais que a ciência não seja objeto da sua análise arqueológica, o privilégio da ciência, enquanto discurso, frente a outras modalidades discursivas, é assumido explicitamente por Foucault, uma vez que, mediante o discurso científico, ou melhor, os discursos científicos, a arqueologia pode delinear melhor seu objeto: o saber (ainda que tal privilégio seja apenas um privilégio de partida e, portanto, inicial e provisório). O que não se pode esquecer, entretanto, é que não é qualquer ciência que é privilegiada na arqueologia; isto é, o privilégio recai sobre as "Ciências Humanas" conforme a concepção francesa.

Por outro lado, o privilégio explícito do discurso científico em detrimento de outros tipos de discurso, como se identificou no já citado artigo, foi atenuado, em 1969, em *L'Archéologie du Savoir*, no qual Foucault admite, ainda que em hipótese, outras modalidades de arqueologia do saber privilegiando outras relações discursivas que não as de caráter epistemológico, tais como arqueologias voltadas para questões éticas, estéticas, e políticas. ³⁰ Ou seja, ao imaginar outras possibilidades de arqueologia, Foucault elimina toda e qualquer relação entre o saber e o discurso científico como única e exclusiva. Assim, o saber não é relativo à ciência, ao seu discurso, mas sim relativo a qualquer discurso, independente de sua natureza, e de sua classificação, com base nas emergências distintas de suas formações discursivas em limiares (de positividade, de epistemologização, de cientificidade e de formalização). ³¹

Nesse sentido, o artigo "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie" possui traços de uma epistemologia subjacente ao projeto arqueológico exposto aí; traços estes que, portanto, admitem ainda como válidos os recortes e as classificações

²⁹ Idem. "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". p. 709: ''D'un coté, il faut, empiriquement, choisir un domaine où les relations risquent d'être nombreuses, denses, et relativement faciles à décrire: et en quelle autre région les événements discursifs semblent-ils être le mieux liés les uns aux autres, et selon des relations mieux déchiffrables, que dans celle qu'on désigne en général du terme de science?".

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002

dos tipos e gêneros de discursos, aceitando ainda como válido e digno de nota o gênero científico de discursos – apesar de, explicitamente, Foucault buscar um rompimento com tais classificações. L'Archéologie du Savoir, por sua vez, é a radicalização do projeto arqueológico, em relação a "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie", no que tange à caracterização do conceito de "saber" desvinculando-o, definitivamente, do conceito de "ciência". A única relação que Foucault admitiu ao conceito de "saber" em L'Archéologie du Savoir, foi uma manutenção de uma relação já admitida em "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie": a relação entre saber, discurso e prática extra-discursiva.

Portanto, o objeto da investigação arqueológica é o que Foucault denominou "saber". Contudo, não se pode negligenciar que a investigação arqueológica se realiza de modo circunstanciado; não há um procedimento único, um método propriamente definido, demarcado, que deve ser seguido rigorosamente com o intuito de se fazer, de maneira categórica, arqueologia. E, todavia, a arqueologia não deixa de ser um método...³³

Deve-se, ainda, ter presente que se a arqueologia toma o saber como seu objeto de investigação, esta investigação se realiza mediante a análise de discursos, precisamente de suas condições de existência (e não de possibilidade). Isto vale tanto para discursos científicos quanto não-científicos; ainda que, haja um privilégio (ao menos estratégico, quer dizer, por questões de praticidade) dos discursos científicos que se convencionou chamar na França de "Ciências Humanas".

Michel Foucault: Archéologie et Généalogie, p. 5.

- PERSPECTIVA FILOSÓFICA

³⁰ Michel FOUCAULT. L'Archéologie du Savoir. pp. 251-255.

³¹ Ibidem. p. 243-247; Jean Paul MARGOT. Op. Cit. p. 31.

³² Michel FOUCAULT. "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". pp. 701-702: "Il ne faut pas non plus tenir pour valables les découpages ou groupements dont nous avons acquis la familiarité. On ne peut admettre telles quelles ni la distinction des grandes types de discours ni celle de formes ou de genres (science, littérature, philosophie, religion, histoire, fictions, etc.). (...) ni la littérature, ni la politique, ni par conséquent la philosophie et les sciences n'articulaient pas le champ du discours, au XVIII° ou au XVIIII° siècle, comme elles l'ont articulé au XIX° siècle."
³³ Angèle KREMER-MARIETTI, entretanto, define a arqueologia como método, voltado ao saber e aos discursos. CF. Introdução ao Pensamento de Michel Foucault, p. 7; e

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANGUILHEM, Georges. "O Objeto da História das Ciências". in: CARRILHO, Manuel M. (org.). *Epistemologia: Posições e Críticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. pp. 107-132.
- CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida.* Lisboa: Edições 70, s/d.
- DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. (trad. De Fabienne Durand-Bogaert). Paris: Gallimard, 1984.
- FICHANT, Michel. "A epistemologia na França", in: CHÂTELET, François. História da Filosofia: Idéias e Doutrinas. vol. 8, Rio de Janeiro: Zahar, 1974, pp. 124-162.
- FOUCAULT, Michel. "La vie: l'expérience et la science". in: *Dits et Écrits*. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994
- FOUCAULT, Michel. "Qu'est-ce que les Lumières?" In: *Dits et Écrits*. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994
- FOUCAULT, Michel. "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'Épistémologie". in: *Dits et Écrits*. Tome I. Paris: Gallimard, 1994. pp. 696-731.
- FOUCAULT, Michel. L'Archéologie du Savoir. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, Michel. L'Ordre du Discours. Paris: Gallimard, 1971.
- GABILONDO, Ángel. *El Discurso en Acción: Foucault y una Ontología del Presente*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1990.
- KREMER-MARIETTI, Angèle. *Introdução ao Pensamento de Michel Fou-cault.* (trad. de Cézar Augusto Chaves Fernandes), Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- KREMER-MARIETTI, Angèle. *Michel Foucault: Archéologie et Généalogie*. Paris: Librairie Générale Française, 1985.

- MACHADO, Roberto. "A Arqueologia do Saber e a Constituição das Ciências Humanas". *Discurso*. São Paulo, USP, ano V (5): 87-118, 1974.
- MACHADO, Roberto. "Archéologie et Épistémologie". in: V.V.A.A. *Michel Foucault Philosophe*. Paris: Éditions du Seuil, 1989, pp. 15-32.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- MACHEREY, Pierre. "A Filosofia da Ciência de Georges Canguilhem: Epistemologia e História das Ciências", in: CANGUILHEM, Georges. O *Normal e o Patológico*. (trad. de Maria Th. R. de Carvalho Barrocas e Luiz F. B. Leite), Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. pp. 271-307.
- MARGOT, Jean Paul. "Reflexiones en torno a la epistemología histórica". *Ideas y Valores*. Bogotá (Colombia), (50): 13-34. agosto/1977.
- PIAGET, Jean. *Naturaleza y Métodos de la Epistemología*. (trad. de Hugo Acevedo). Buenos Aires: Editorial Proteo, 1970.
- VAN de WIELE, Jozef. "L'Histoire chez Michel Foucault: le sens de l'Archéologie". in: *Revue Philosophique de Louvain*. Louvain (Belgique), 81 (52): 601-633, 1983.
- VEYNE, Paul. "Foucault Revoluciona a história", in: *Como se Escreve a História*. Brasília: EdUNB, 1982. pp. 148-198